

EXPOSIÇÕES

Law”, de Jarmusch. Quanto a Rita: “Estava perto do palco, tinha a máquina, não resisti e tirei várias fotografias. Uns dias depois, ouvi alguém lamentar-se de que não havia fotos do concerto, porque a gerência tinha proibido a imprensa de fotografar.” Barros apresentou-se, e assim nasceu a sua colaboração com o jornalista Jesse Nash. Durante mais de um ano fotografou concertos de jazz e de rock ao vivo para jornais como o “East Coast Rocker”, “Downtown”, etc. A primeira fotografia a ser creditada foi um esplêndido retrato de Keith Richards a assistir ao concerto de Billy Preston, no Bottom Line. “Gostei muito deste trabalho jornalístico. Fui posta à prova, porque é tudo tratado à última hora. Conheci pessoas fantásticas, dum mundo diferente.”

Barros mostra-me o seu portefólio da época. Fico sem fala. Está aqui toda a gente: Iggy Popp, os Led Zeppelin, Neil Young, Marianne Faithfull, Bob Geldof, Ray Charles, Dizzy Gillespie, Ornette Coleman, James Brown, Lou Reed, Bruce Springsteen, LL Cool J... — mas também Pavarotti, Jessye Norman, Philip Glass... Não percebo porque ainda não houve uma galeria ou uma editora que pegasse nisto. Algumas fotos foram feitas em casa. Rita comprou luzes e sombrinhas, arranjou cartazes gigantes como ‘panos de fundo’ e transformou o apartamento num estúdio. Foi assim que fotografou Iggy Popp, de perfil, contra o olho enorme do “Espelho Falso” (1928), de Magritte. Foi também no Chelsea que fotografou John Lurie. Como pouco sabia sobre ele, Rita convidou uma amiga, ex-namorada de Lurie, para conversar. O pior é que, quando Lurie chegou, a conversa ainda durava e, como o apartamento é pequeno, tiveram de esconder a ex num armário!

No princípio dos anos 90, Rita Barros colaborou com o Expresso. Interessavam-lhe histórias concretas, coisas como a arte atómica de Tony Price — um artista e ativista baseado na região de Santa Fé que usava o ferro-velho atómico de Los Alamos para construir esculturas de protesto antinuclear. As imagens do Hotel Chelsea e dos seus habitantes fizeram a “Newsweek”, a “Zoom”, as “Vogue” francesa, italiana e brasileira... Rita colaborou, durante anos, com outro residente do Chelsea, o artista Richard Bernstein, que se celebrou pelas capas da revista “Interview” (a ‘bola de cristal da pop’, fundada por Warhol). Barros fazia o retrato e Bernstein trabalhava-o a lápis e tintas várias. Um exemplo famoso é a capa com Henry Geldzahler, o influente comissário de Assuntos Culturais da cidade de Nova Iorque.

Barros sempre se interessou pelo “lado palpável da fotografia”: “Gosto das fotografias como objetos. E, principalmente, gosto de contar histórias através da fotografia.” Tirando situações excepcionais, ela tem concentrado a sua pesquisa fotográfica no retra-



DIZZY GILLESPIE, BLUE NOTE, NYC, 1988;
IGGY POPP, NYC, 1988;
KEITH RICHARDS, BOTTOM LINE, NYC, 1988

to. O que é o retrato duma pessoa? Barros explicita: “Será a imagem única de um rosto, ou o ambiente é igualmente importante? Será que os objetos revelam a vida interior dos seus donos?” As suas grelhas 3 3 de *close-ups* de pormenores duma pessoa e do respetivo ambiente próximo, selecionadas por Aletti para a exposição de Woodstock, constituem, segundo o comissário, “um fascinante puzzle hockneyesco”. Permitem ainda ao visitante construir uma narrativa sobre a personalidade do retratado (que é o objetivo declarado da artista).

Com o tempo, o espaço contraiu. Barros percebeu que não precisava de sair de casa para construir “viagens à volta do meu apartamento”. O ‘livro de artista’, íntimo, comensurável com a palma da mão, surgiu como prolongamento natural. Livros em harmónio, com fotos originais — umas suas, outras vernáculas. “Interessa-me lidar com os materiais, escolher os papéis e as colas. O livro é um objeto fechado, feito de outros objetos (fotos, poemas).” Sequenciar as imagens é construir uma história no espaço e no tempo. Nesta fase, Barros tem colaborado com outro habitante icónico do Chelsea, Rene Ricard. (Rita participou numa exposição de livros de artista no Centre Pompidou, em Paris, em dezembro passado.)

Falamos do 9/11, o mais hediondo atentado terrorista de sempre. Rita conta-me que, no final dos anos 90, começara a trabalhar num programa da Fundação NYANA (New York Association for New Americans). A ideia era estimular a aprendizagem da língua inglesa pelos novos imigrantes através da fotografia. “Distribuíam-se máquinas fotográficas descartáveis aos miúdos das escolas de bairros problemáticos [Crown Heights, etc.], dava-se-lhes um tema, eles



iam para casa, fotografavam e depois tinham de escrever, em inglês, sobre a fotografia. No fim do ano havia uma exposição com as melhores fotos, que eu também comissariava.” Nesse 11 de setembro tinha uma reunião cedo na sede da fundação (na parte baixa de Nova Iorque) para discutir a exposição, o orçamento... “Ia de bicicleta e, como sempre, levava uma câmara pequenina, para ajudar a memória. Comecei a ver muita gente a correr, a fugir para norte.” As fotografias que fez do desmoronamento das torres ombreiam com as dos melhores fotógrafos da Magnum (então na cidade para a sua reunião anual).

A exposição no Center for Photography é um regresso a casa, por outra via — ou não seja Woodstock uma versão campestre do Chelsea, com veados à solta. Situada na cordilheira dos Catskills, a vila emergiu como uma colónia artística no princípio do século XX. Surgiram uma biblioteca, teatros vários, galerias, festivais. Artista puxa artista. Poetas como Hart Crane, Wallace Stevens e Edna St. Vincent Millay passaram pelas famosas escolas de verão. Idem com pintores como George Bellows, Philip Guston, Milton Glaser. Alguns compraram casa. Philip Roth foi vizinho do seu amigo Guston. Na música, Virgil Thomson e Aaron Copland marcaram presença, e Peter Schikele (P.D.Q. Bach) ainda lá vive. Helen Hayes, Edward G. Robinson, Paul Robeson e outros pisaram as tábuas dos palcos de Woodstock. Joanne Woodward representou Tchekov, e o marido (Paul Newman) acompanhou-a. Lee Marvin cresceu nas redondezas, Sylvia Miles tinha lá casa, Robert De Niro veraneou. Ethan Hawke e Uma Thurman viveram em Woodstock o seu romance (desfeito em 2003). Ao invés do Chelsea, não vi nenhum salão de tatuagens, mas visitei a Ye Olde Hippie Shoppe. Atenção: o célebre festival rock de 1969 — três dias de paz e música que mudaram o mundo! — tomou o nome de Woodstock mas realizou-se em Bethel, a 70 quilómetros de distância.

Fundado em 1977, o Woodstock Center for Photography materializou a tónica fotográfica do lugar. Eva Watson-Schutze (Camera Work), Russell Lee (FSA), Sy Kattelson (Photo League), Dennis Stock (Magnum) viveram em Woodstock. Hoje, Mary Ellen Mark, Alex Webb, Marilyn Bridges, Keith Carter são colaboradores empenhados do Center (que funciona num dos edifícios históricos da terra — um celeiro construído em 1720, com um clássico alpendre de madeira a toda a volta). De celeiro passou a loja e armazém de materiais de arte, depois a bar e café (Expresso), já nos anos 60. Bob Dylan e Joan Baez atuaram aí regularmente. Dylan, aliás, vivia no 1º andar do edifício (onde compôs o ‘Mr Tambourine Man’). Por perto, o Joyous Lake apresentava a nata do jazz (Charles Mingus). Rita Barros está em boa companhia. A sua carreira não é uma linha reta em direção à meta, mas uma espiral que se desenrola sem perder a noção do centro. ▲

Rita Barros representa o que de melhor e mais original está a ocorrer na fotografia contemporânea